



A transversalidade do discurso feminista em “Anne With An E”

The transversality of feminist discourse in “Anne With An E”

La transversalidad del discurso feminista en “Anne With An E”

Luise Mariano Bertolino – Universidade de Sorocaba - Uniso | Sorocaba | SP | Brasil | E-mail: luise.bertolino@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-4724-8519>

Luciana Souza – Universidade de Sorocaba - Uniso | Sorocaba | SP | Brasil | E-mail: luciana.souza@prof.uniso.br | <https://orcid.org/0000-0002-1995-8791>

Newton Guilherme Vale Carrozza – Universidade Estadual de Campinas | Campinas | SP | Brasil | E-mail: guilhermecarrozza@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-4846-3114>

Resumo: Neste artigo, abordamos a questão feminista na série *Anne With An E* (2017) a partir da Análise de Discurso do artigo de jornal O que é justo? atribuído à personagem Anne Shirley. O objetivo é identificar quais as formações ideológicas que resultaram no processo discursivo de Anne e indicar os efeitos de sentido produzidos no discurso. Para atingir tal objetivo, nos baseamos nas teorias de Eni Orlandi para os procedimentos de Análise de Discurso para tecer as relações com o movimento feminista. O artigo visa contribuir nos estudos de Análise de Discurso entrelaçado à comunicação, ao refletir sobre as mudanças do papel da mulher na sociedade, a partir de formações discursivas e ideológicas desenvolvidas e veiculadas em um produto midiático.

Palavras-chave: Análise de discurso. Feminismo. Audiovisual.

Abstract: In this article, we address the feminist issue developed in the series *Anne With An E* (2017), based on the Discourse Analysis of the newspaper article What is fair? attributed to the character Anne Shirley. The aim of this article is to identify which ideological formations resulted in Anne's discursive process and indicate the meaning effects produced in the discourse. To achieve this goal, we based on Eni Orlandi's theories for the Discourse Analysis procedures to weave relationships with the feminist movement. This article aims to contribute to studies of Discourse Analysis intertwined with communication, by reflecting on changes in the role of women in society, from discursive and ideological formations developed and conveyed in a media product.

Keywords: Discourse analysis. Feminism. Audio-visual.

Resumen: En este artículo abordamos el tema feminista en la serie *Anne With An E* (2017) del Análisis de Discurso del artículo What is fair? atribuido al personaje Anne. El objetivo es identificar qué formaciones ideológicas dieron lugar al proceso discursivo de Anne e indicar los efectos de significado producidos en el discurso. Para lograr este objetivo, nos basamos en las teorías de Eni Orlandi para los procedimientos de Análisis de Discurso para tejer relaciones con el feminismo. El artículo tiene como objetivo contribuir a los estudios de Análisis de Discurso entrelazados con la comunicación, reflexionando sobre los cambios en el papel de la mujer en la sociedad, a partir de formaciones discursivas e ideológicas desarrolladas en un producto mediático.

Palabras clave: Análisis de discurso. Feminismo. Audiovisual.

Recebido em 11 de novembro de 2021. Aprovado em 25 de novembro de 2021.

e-issn: 2177-5788. DOI: <https://doi.org/10.22484/2177-5788.2021v47n2p419-435>

©2021. Conteúdo de acesso aberto, distribuído sob os termos da Licença Internacional da Creative Commons –CC BY-NC-SA –Atribuição Não Comercial –Permite distribuição e reprodução, desde que atribuam os devidos créditos à publicação, ao(s) autor(es) e que licenciem as novas criações sob termos idênticos.



1 Introdução

Partindo dos conceitos e procedimentos de Análise do Discurso da escola francesa propostos por Pêcheux (1981, 1997), Orlandi (1994, 2005) e Orlandi e Lagazzi (2006), no Brasil, desenvolvemos a análise do artigo de jornal “O que é justo?”, de Anne Shirley-Cuthbert. Este artigo é um produto de ficção e trata-se de um elemento textual componente do episódio “Esforço pelo bem”, da série “*Anne With An E*”, produzida pela CBC (Canadian Broadcasting Corporation, 2019) e distribuída pela Netflix. Na série, a autora do artigo, Anne Shirley-Cuthbert, é a protagonista e escreve um texto jornalístico como resposta a uma situação de assédio e difamação sofrida pela personagem Josie Pye, que foi julgada pela comunidade e silenciada pela própria família devido aos valores patriarcais enraizados na sociedade.

A seleção do artigo “O que é justo?”, enquanto material de análise, deve-se à pertinência das pautas feministas nele desenvolvidas, que enfatiza a questão da autonomia dos corpos femininos e a liberdade de escolhas das mulheres sobre suas próprias vidas. O espaço-tempo da série é situado no século XIX, e o episódio “Esforço pelo bem”, é contextualizado em junho de 1899. Já a produção e a exibição do episódio ocorreram no ano de 2019. Portanto, será necessário considerar o movimento entre o contexto histórico ficcional da obra, que ocorre no passado, e as condições de produção do presente, o que coloca em suspenso as condições de produção do texto tanto no sentido estrito, que compreende as circunstâncias da enunciação, o aqui e o agora do dizer; quanto no sentido lato, que compreende o contexto sócio-histórico e ideológico na produção do discurso, uma vez que se trata de uma ficção que pretende representar o passado a partir do presente.

Segundo Orlandi e Lagazzi (2006, p. 18), a Análise de Discurso busca “compreender como o texto se constitui em discurso e como este pode ser compreendido em função das formações discursivas que se constituem em função da formação ideológica que as determina”. Assim, o objetivo do pre-



sente trabalho é identificar, a partir do artigo “O que é justo?”, quais formações ideológicas sustentam os processos discursivos do dizer de Anne, e indicar quais os efeitos de sentido desse enunciado, considerando as condições de produção da personagem no contexto ficcional e o das roteiristas no contexto sócio-histórico atual.

Para atingir tais objetivos, nos baseamos nos procedimentos de Análise do Discurso propostos nas obras de Eni Orlandi que, conforme Petri (2013), na prática analítica, desenha um movimento pendular entre teoria e discurso, “marcando a ida ao corpus e o retorno constante à teoria” (MOREIRA; VENTURINI, 2020, p. 72).

2 Apresentando a série “Anne With An E”

Antes de iniciarmos a análise sobre o artigo escrito por Anne, faremos uma breve apresentação da série “Anne With An E” e o contexto do episódio “Esforço pelo bem”.

Anne Shirley é uma órfã que viveu por treze anos entre lares adotivos e um orfanato, até ser adotada pelos irmãos Cuthbert, que residem na fazenda Green Gables, na cidade de Avonlea, localizada na Ilha do Príncipe Eduardo, no Canadá. A princípio, Anne destoa das outras crianças da comunidade, tanto pelos aspectos físicos quanto intelectuais, e acompanhamos na série, todo o processo que ela sofre da rejeição à aceitação, tanto de sua nova família, como da sociedade em que foi inserida. O que, supostamente, leva Anne a se identificar com as minorias e suas causas.

A situação que levou Anne a escrever o artigo de jornal se inicia no sexto episódio, intitulado “O que eu mais quero” (2019), da terceira temporada. Anne cursa o último ano na escola comunitária junto com os outros jovens de Avonlea. Na tradicional Feira do Condado, os estudantes fazem uma apresentação de dança para um grande público local. Um dos alunos, Billy Andrews, convida Josie Pye para tomar um ar do lado de fora. Os jovens são quase noivos, e Billy beija Josie, que aceita, mas Billy começa a passar a mão em partes do corpo de Josie, que se assusta e retorna para o



salão. Billy fica muito irritado e começa a espalhar para todos os meninos que Josie não conseguiu aguardar o casamento. Anne percebe o burburinho do boato se espalhando e confronta Billy, que diz que Josie não teve decência.

No dia seguinte, na escola, algumas meninas alegam que Josie sempre foi atrevida e que sua reputação estava destruída. Anne pergunta: "Por que não a do Billy? Ele foi desrespeitoso". A reunião dos alunos era para decidirem quais temas da Feira do Condado seriam escritos para o jornal local. Anne questiona se é mais importante falar de um repolho gigante ou sobre um problema que atinge o gênero feminino inteiro, do qual Josie foi a vítima. Todos os alunos desconversam, fingem não a ouvir. Indignada, Anne escreve sozinha o artigo e, durante a madrugada, vai à escola escondida prensar o material e deixa os jornais na porta da igreja para serem retirados e lidos antes da missa da manhã seguinte.

No início do episódio seguinte, "Esforço pelo bem", a mãe adotiva de Anne, Marilla Cuthbert chega à igreja, e retira um exemplar do jornal "Avonlea Gazette" dentre os que estão empilhados na entrada. Ela lê o título "O que é Justo?", de Anne-Shirley Cuthbert, e esboça um sorriso orgulhoso. Em seguida, sua vizinha Sra. Barry, diz à Marilla que Anne precisou de uma página inteira para dizer o que pensa, e Marilla responde que Anne sempre soube se expressar, seja como for. E então, os fiéis começam a ler o jornal antes do início da missa, ocorre um burburinho e todos começam a olhar para a família de Josie Pye. A professora Muriel Stacy percebe a movimentação, pergunta o que está acontecendo e Gilbert Blythe lhe oferece um exemplar.

Quando a Srta. Stacy inicia a leitura, podemos, enfim, ver as imagens do artigo publicado. A câmera se movimenta pelo jornal, revelando com planos-detalhe os parágrafos sobre a autonomia dos corpos das mulheres, sobre regras idiotas e arcaicas, um trecho com um convite a uma rebelião, e um trecho em destaque sobre as mulheres nascerem completas. Essas imagens são acompanhadas por uma trilha sonora tensa, em fusão com o



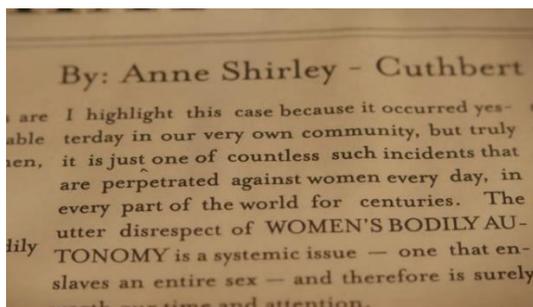
som ambiente dos comentários dos leitores, e logo se intercalam com imagens que revelam o choque e a desaprovação da comunidade, além das represálias que Anne sofre pelo conteúdo da publicação.

A professora Muriel Stacy, responsável pelas publicações do jornal, diz que Anne quis ajudar, que não foi uma atitude sem cabimento, mas teve sérias consequências. Disse que o artigo de Anne foi inspirador e causou reflexão, e num jornal maior e com um público que aceita os tempos modernos, teria um impacto positivo.

Apresentamos o contexto de produção do artigo dentro da narrativa, pois, segundo Orlandi e Lagazzi (2006, p. 17), sujeito e situação são fundamentais para a Análise de Discurso, pois “contam na medida em que são redefinidos discursivamente como partes das condições de produção do discurso”. A autora afirma que “na análise de discurso não podemos deixar de relacionar o discurso com suas condições de produção, sua exterioridade (ORLANDI; LAGAZZI, 2006, p. 17). Lembramos, todavia, que no processo de análise, será necessário apontar as condições de produção do discurso na esfera da narrativa, relacionada à exterioridade do contexto histórico e ideológico da produção da série.

Para construir o objeto discursivo, escolhemos duas passagens do artigo que são reveladas em imagens na série “*Anne With An E*”. Ambos os trechos abarcam temas relacionados à mulher, que se destacaram na luta e no debate da segunda onda do movimento feminista, ocorrida a partir dos anos 60. Portanto, já apresentado o contexto de produção do discurso na obra ficcional, focaremos a análise, considerando o contexto histórico e ideológico de 2019, ano em que o discurso foi realmente produzido e destinado aos interlocutores do presente. O primeiro fragmento, põe em destaque a questão da autonomia dos corpos femininos.

Figura 1 -Avonlea Gazette. What is fair? (O que é Justo?).



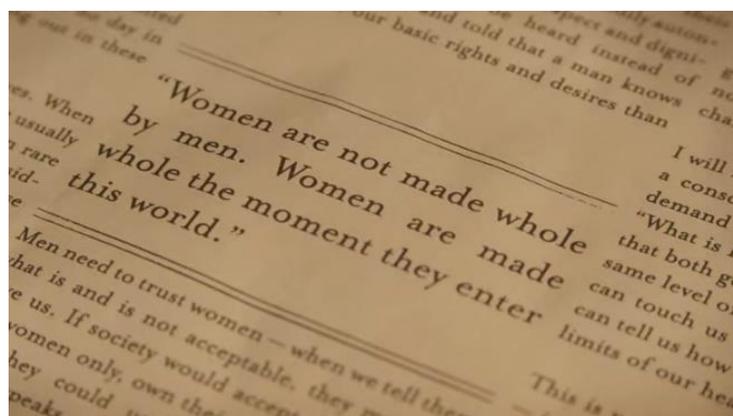
Fonte: Anne With An E (2017).

Neste trecho, lemos o seguinte texto:

Destaco esse caso porque ocorreu ontem em nossa própria comunidade, mas na verdade, é apenas um dos inúmeros incidentes que são perpetrados contra as mulheres todos dias, em cada parte do mundo por séculos. O desrespeito total à AUTONOMIA DO CORPO DAS MULHERES é uma questão sistêmica – que envolve um sexo inteiro – e certamente, vale o nosso tempo e atenção (ANNE WITH AN E, 2017, tradução nossa).

O segundo texto selecionado para análise afirma que as mulheres já nascem completas:

Figura 2 - Avonlea Gazette. What is fair? (O que é justo?).



Fonte: Anne With An E (2017).



Este trecho em destaque do artigo contém a seguinte frase: “Mulheres não se completam com um homem. Mulheres já são completas no momento que chegam a este mundo” (ANNE WITH AN E, 2017, tradução nossa).

Começemos por compreender o funcionamento de uma certa memória no dizer destacado acima, memória essa que reside no interdiscurso e que retorna, sob a forma do que Pêcheux (1997, p. 111) nos apresenta como efeito de sustentação, que “constitui uma espécie de retorno do saber no pensamento”. Para o autor, o processo de sustentação está numa relação do dito com o não dito, em oposição ao pré-construído, “que dá seu objeto ao pensamento sob a modalidade da exterioridade e da pré-existência” (PÊCHEUX, 1997, p. 111). Entre aquilo que funciona na forma do esquecimento e aquilo que está no nível da articulação, cria-se uma espécie de ligação, um “encaixe”, que possibilita o dizer, já que evoca no nível do inconsciente a premissa não dita. Dizer que mulheres já nascem completas e que não precisam do homem para se completarem faz ressoar um dito antes, em algum lugar, de que as mulheres necessitam do homem para se sentirem completas. Algo que faz emergir um modo de entendimento de uma sociedade patriarcal, que dá à mulher uma posição de inferioridade em relação ao homem.

Nesse sentido, podemos compreender o enunciado atribuído a Anne ao relacioná-lo com o discurso político e feminista, pois se trata de uma formação discursiva que faz parte da conjuntura sócio-histórica do momento histórico representado pela série.

Faria *et al.* (2018) partem de Simone de Beauvoir para evidenciar que a noção de feminilidade foi inventada e definida pelo patriarcado, como forma de controlar os corpos e limitar a liberdade feminina, para se adequarem aos interesses masculinos, naturalizando uma suposta construção de uma essência para cada gênero. Para isso, fortaleceram a ideia de divisão entre a esfera pública e privada, onde os homens dominariam a esfera pública no papel de provedores e as mulheres se limitariam à esfera privada



no papel de reprodutoras, restringindo a sua participação na sociedade pautada por características biológicas. Forjaram uma ideologia para justificar seu poder de posse e mando, impondo a superioridade dos homens em relação às mulheres, ao “fazer parecer que é parte da natureza, a ideologia dominante trata as relações de desigualdade entre homens e mulheres como diferenças que se completam” (FARIA *et al.*, 2018, p. 11).

Para Angelin (2019, p. 27), uma das mais significativas contribuições do movimento feminista à vida das mulheres, é “a possibilidade de refletirem sobre suas realidades e, perceber que ainda lhes falta o reconhecimento como seres humanas, completas, tanto nos espaços privados, quanto nos públicos”. Segundo a pesquisadora, o feminismo permitiu mudanças estruturais na sociedade, ao libertar as mulheres da opressão e do domínio do patriarcado, pelo argumento que são seres pertencentes à natureza, pois, reconhecer “que são seres históricos e, ao mesmo tempo, estão submetidas à história, tem instigado as mulheres a pegarem nas rédeas de suas próprias vidas, coletiva e individualmente” (LAGARDE Y DE LOS RÍOS, 2011 apud ANGELIN, 2019, p. 27). São esses aspectos do movimento feminista que evidenciam o funcionamento e a produção de sentidos no discurso apresentado em “O que é justo?”, o que nos possibilita compreendê-lo como objeto linguístico-histórico, mesmo que seja apresentado como elemento de ficção que pretende representar costumes de uma determinada época.

É importante perceber, entretanto, que o discurso construído no artigo de Anne traz à memória pautas do movimento feminista, a partir de palavras já carregadas de sentido na contemporaneidade, como “autonomia dos corpos femininos” e “mulheres já são completas” (Anne With An E, 2019). Tais construções são representações simbólicas que “refletem sentidos de discursos já realizados, imaginados ou possíveis. É desse modo que a história se faz presente na língua” (ORLANDI, 2005, p. 67). Para Orlandi (2005), fatos vividos reclamam sentidos, e os sujeitos se movem entre o



real da língua e o da história. De forma que encontramos no processo discursivo, o modo de constituição da produção de sentidos e dos sujeitos para refletir que: [...] reivindicar direitos sobre o próprio corpo é falar da posição de sujeito de direito, proprietário de si mesmo e resistente à possibilidade de posição de objeto ou de posse de outrem” (MEDEIROS, 2019, p. 10).

Segundo Medeiros (2019), o mote da autonomia dos corpos ainda se faz presente no movimento feminista contemporâneo, se o atualizarmos pela paráfrase “meu corpo, minhas regras”. A paráfrase que Medeiros toma à sua análise é a conceituada por Michel Pêcheux como histórico-discursiva, pois, segundo o autor, “o funcionamento parafrástico é necessário numa ‘formação discursiva historicamente dada’, de modo que a paráfrase discursiva se diferencia da paráfrase puramente sintática” (PÊCHEUX, 2009 apud MEDEIROS, 2019, p. 167). Em pesquisas anteriores, Medeiros (2019, p. 9) delimita “a formação discursiva feminista como aquela que tem como saber central, constitutivo de sua forma-sujeito, a luta pelos direitos das mulheres”.

Assim, apresentamos o primeiro produto da análise, que trata da compreensão dos processos de produção de sentidos pautados pela memória e pela ideologia. A seguir, verificaremos a constituição do autor e do sujeito em sua posição no discurso.

3 O discurso e a produção de sentidos

Segundo Orlandi (2005), um dos primeiros pontos a se considerar para pensarmos a análise é a constituição do *corpus*. Pontuamos que a análise a ser desenvolvida no presente trabalho é parte de um *corpus* de arquivo, pois sua materialidade discursiva se apresenta em um artigo de jornal componente da série de TV, “*Anne With An E*”. Logo, a natureza de sua linguagem é linguístico-discursiva.

Se “todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para o outro” (ORLANDI, 2005, p. 62), é necessário considerar



nos objetivos de análise sua própria temática e tratar dos fatos da linguagem relacionados a sua memória, que resulta em determinada materialidade linguístico-discursiva. De acordo com Orlandi (2005), esses objetivos combinados com os métodos e procedimentos de análise visam mostrar como um discurso funciona, produzindo efeitos de sentido que derivam de um jogo definido pela formação ideológica dominante naquela conjuntura. Portanto, é necessário explicitar as condições de produção do discurso no contexto ficcional em *"Anne With An E"* e as condições que resultam do contexto sócio-histórico e ideológico da produção do discurso para a série.

O artigo de Anne Shirley, na esfera ficcional da série, é datado no ano de 1899. Para refletirmos sobre as condições de produção no contexto da personagem, embasamo-nos em Garcia (2011), e situamos que no contexto histórico de Anne, ocorria a ampliação do movimento sufragista, fundado em 1848 nos Estados Unidos, com a redação da Declaração dos Sentimentos, e com a organização de uma Convenção "para discutir as condições e direitos sociais, civis e religiosos das mulheres [...]" (p. 54). Segundo Garcia, essa convenção marcou a história do movimento feminista internacional, pois foi o primeiro foro público e coletivo das mulheres, e a declaração questionava restrições políticas, como o direito ao voto, o de ocupar cargos públicos, o de assistir a reuniões políticas e "a proibição de dedicarem-se ao comércio, ou terem seu negócio próprio ou abrirem contas correntes em bancos" (p. 55).

No entanto, para Garcia (2011), os avanços foram lentos e apenas em 1920, as mulheres estadunidenses conquistaram o direito ao voto, e consolidaram o sufrágio como um movimento de agitação internacional, "que tinha dois objetivos centrais: o direito ao voto e os direitos educativos" (p. 57). Portanto, o contexto ficcional da série *"Anne With An E"*, compreende a organização das reivindicações de direitos e a expansão do movimento sufragista, representado pelo núcleo das Mães Progressistas, que



embora residam numa pequena comunidade do Canadá, se informavam sobre o movimento através de correspondências com mulheres participantes do sufrágio em outros países.

É necessário considerar que o movimento sufragista abarcava pautas em defesa do direito das mulheres, as quais não incluíam a autonomia dos corpos femininos. Isso nos leva a considerar que essa temática – da autonomia do corpo feminino – não era algo que viria à tona num contexto histórico-social como aquele da narrativa da série. Considerando o enredo ficcional apresentado anteriormente e as condições de produção do discurso no sentido estrito, Anne o escreveu como reação a uma situação de injustiça sofrida por uma mulher que foi silenciada pela comunidade, e que a partir do seu artigo, pretende dar a voz que ela merece. É desta forma que Anne se torna a primeira mulher da comunidade a questionar o desrespeito do patriarcado acerca da autonomia dos corpos femininos, o que caracterizaria a personagem como uma mulher à frente de seu tempo.

No entanto, o discurso atribuído à personagem Anne foi escrito pelas roteiristas de “*Anne With An E*” e foi produzido no contexto histórico de 2019, o que possibilitou à série incluir sentidos ideologicamente inscritos no discurso da segunda onda do movimento feminista que ocorreu a partir dos anos de 1960, e segundo Faria *et al.* (2018, p. 28):

A construção dos grupos de autoconsciência no movimento feminista dos anos 1960 e 1970 revelou essa dimensão e se constituiu como uma ferramenta para a politização do patriarcado e da dominação sobre nossos corpos.

Nesse sentido, a temática da autonomia dos corpos femininos é trazida à discussão na segunda onda do feminismo. Embora inserida na série em um contexto do passado, é ressaltado em um discurso produzido no presente, alcançando enquanto interlocutores, os espectadores da série, pois a luta pelo controle e liberdade de seus próprios corpos são ações: [...] construídas no decorrer da história e que, na atualidade, seguem apresen-



tando reflexos estruturantes na organização social e no acesso das mulheres a direitos humanos, como os de liberdade e autonomia (ANGELIN, 2019, p. 28).

Assim, podemos verificar na materialidade do discurso, que é linguístico-histórico, as condições de produção do artigo no presente, e suas relações com a memória e a ideologia feminista, para compreendermos e descrevermos o funcionamento do discurso. Para Orlandi (2005, p. 66), a “transformação da superfície linguística em um objeto discursivo é o primeiro passo para essa compreensão”.

4 O autor e o sujeito no discurso

De acordo com Orlandi (2005), uma vez que o processo discursivo dá ao analista a compreensão da produção de sentidos, os textos deixam de ser seus objetos. A autora propõe a distinção entre texto e discurso em contraparte a autor e sujeito. “O sujeito, diríamos, está para o discurso assim como o autor está para o texto” (p. 73). Ou seja, para Orlandi (2005), o autor é responsável pelo texto, pela disciplina, pela organização, atribui à superfície linguística uma unidade com começo, meio e fim; já o sujeito está para o discurso e sua relação com o texto é da dispersão, ele resulta da interpelação do indivíduo pela ideologia. Orlandi (2005, p. 73), aponta que há na base de todo discurso um projeto totalizante do sujeito, projeto que o converte em autor, e que:

O autor é o lugar em que se realiza esse projeto totalizante, o lugar em que se constrói a unidade do sujeito. Como o lugar da unidade é o texto, o sujeito se constitui como autor ao constituir o texto em sua unidade, com sua coerência e completude. Coerência e completude imaginárias.

A partir dessa conversão do sujeito em autor, Orlandi (2005) pontua que é necessária a articulação entre o real e o imaginário no qual o discurso funciona: de um lado, o real do discurso sendo a dispersão, a incompletude, a falta, o equívoco, a contradição constitutiva tanto do sujeito como de sentidos; de outro lado, na instância do imaginário, no nível das representações temos a unidade, a completude, a coerência, o claro e distinto, a não contradição.



Para aproximarmos essas reflexões teóricas às relações de sujeito e autor no artigo "O que é justo?", distinguimos os autores no contexto da ficção, a personagem Anne Shirley, e os autores roteiristas da série "*Anne With an E*". No contexto ficcional, acompanhamos o processo de autoria de Anne, que indignada com uma situação silenciada de assédio, encontrou no jornal uma forma de organizar suas ideias em um texto bem argumentado, com começo, meio e fim. E identificando-se como escritora e representante das minorias, o texto apresentava-se completo e coerente.

Desta forma, Anne assume sua função de autoria a partir de sua posição de sujeito, com um discurso que é regido pelo imaginário e que lhe dá uma direção ideológica, precedida pelo discurso feminista; além disso, tem ancoragem política, se considerarmos a intenção da personagem de dar voz à vítima e levar o debate a público para romper com os paradigmas do patriarcado enraizados na sociedade que oprime, julga e silencia as mulheres mesmo quando são vítimas. A atitude de Anne, num primeiro momento, foi recebida como um escândalo pelos interlocutores de Avonlea, mas conforme seu discurso ganha projeção e levanta o debate na sociedade, ela alcança seu objetivo de promover a conscientização e de romper paradigmas.

Já no contexto mais amplo na produção de "*Anne With An E*", situada em 2019, o trabalho de autoria dos roteiristas passa por outro processo, que compreende a concepção do artigo entrelaçado intertextualmente ao roteiro, para sua inserção num produto audiovisual. Os interlocutores são os espectadores da série, que estão inseridos no mesmo contexto histórico e social das roteiristas. Assujeitadas ao discurso contemporâneo sobre o feminismo, as autoras fazem entrar na história temáticas não circulantes no tempo representado na ficção.

As roteiristas da série, num ato de resistência, se valeram de um produto midiático e audiovisual de grande projeção, para inserir um discurso político e feminista, que embora traga problemas sociais da atualidade debatidos há anos pelo



movimento, ainda aponta para a pertinência de manter vivas as reflexões e os discursos sobre a liberdade e a autonomia dos corpos das mulheres.

5 O discurso e a obviedade colocada em questão

Uma das afirmações fundamentais da Análise de Discurso é a de que a linguagem não é transparente. Isso nos leva à reflexão de que existe um trabalho ideológico que resulta na naturalização dos sentidos e que faz com que sua obviedade seja aceita de forma passiva, nos gestos de interpretação do leitor comum. O olhar crítico a essa “afirmação do óbvio” - para lembrarmos de Orlandi, na tradução do título de *Les Vérités de La Palice*, de Michel Pêcheux - é o que desloca nosso gesto de leitura comum para um gesto de compreensão do funcionamento da linguagem e da produção de sentidos.

A mídia, de maneira geral, figura hoje um espaço de circulação que produz ao sujeito que aquilo que lá circula é o que lhe interessa saber. Isso dá a ela, em certa medida, um estatuto de “representação do real” o que, no nosso ponto de vista, afeta diretamente a relação entre sujeito e os meios de comunicação e entretenimento.

Pêcheux (1981) já nos falou como a mídia é capaz de fazer circular a “língua de vento”, as imagens multiplicadas, os turbilhões esfumados de “não importa o que”. “Ça Circule”, disse Pêcheux (1981), apresentando a mídia como lugar de circulação de um eco anônimo, reenviado pelas margens do discurso, onde se produz um apagamento tendencial do sujeito enunciador.

Tendo escolhido como objeto de análise uma dessas materialidades circulantes nesse espaço, cabe-nos pensar em como isso pode contribuir para o entendimento dos modos de representação do real, mesmo que esse real seja construído em outro momento histórico, e como os discursos da atualidade se fazem ecoar nessa construção que se realiza por essa via.



Vale aqui uma observação: não estamos apartados da ideia de que se trata de uma ficção e, nesse sentido, falar de real pareceria estranho. Porém, o que nos interessa, sobretudo, não é necessariamente a ficção enquanto função narrativa, mas sim enquanto processo de materialização de discursos, mesmo que, aparentemente, sejam dizeres intencionais dos próprios autores na construção narrativa. Bem se sabe que, pela Análise de Discurso, falar de intenção do sujeito é falar do efeito de ilusão de um sujeito dono de sua vontade, capaz de dominar a linguagem para dizer aquilo que quer da forma como quer. Esse é um trabalho do imaginário que dá ao sujeito a ilusão de origem do seu dizer, sem levar em conta que esse dizer nasce alhures e aponta para outro lugar. Imaginário, aliás, que produz pelo seu mecanismo, essa remissão direta à realidade. De acordo com Orlandi (1994, p. 57):

a dimensão imaginária de um discurso é sua capacidade para a remissão de forma direta à realidade. Daí seu efeito de evidência, sua ilusão referencial [...]. Essa relação com a história mostra a eficácia do imaginário, capaz de determinar transformações nas relações sociais e de constituir práticas.

Portanto, por mais que se trate de ficção e que ela traga em si a “vontade de expressão” de seus autores, o que pensamos é que essa “forma de expressão” já vem determinada por certas condições de produção e certas formações ideológicas, conseqüentemente, inscrevendo os dizeres em certas formações discursivas. Ou seja, não é mera forma de expressão, mas sim forma do discurso.

De tudo o que precede, podemos então voltar à crítica da obviedade do sentido, questionando sobre a naturalização dos discursos feministas que hoje circulam em nosso meio e que também se mostram na série “*Anne with An E*”, presentificando na narrativa passada um dizer só possível depois de anos de luta e resistência feminista.

Na presente análise, verificamos que o jogo entre o passado e o presente, entrelaçando o contexto sócio-histórico da série com a atualidade, torna evidente que a luta do movimento feminista ocorre há séculos, mas



ainda se faz necessária nos dias de hoje. Na atualidade, ainda nos identificamos com ocorrências semelhantes à exposta na série. Deparamo-nos com situações nas quais os direitos das mulheres são violados, suprimidos e silenciados, em decorrência de estruturas sociais arraigadas pelo patriarcado. Ou seja, no exemplar de análise o que ocorre é que, em razão dessa temática circular fortemente na atualidade, foi possível o gesto de leitura, pelo espectador, do artigo mostrado na série, contextualizado num tempo ficcional no qual não se falava disso – autonomia dos corpos femininos. Por outro lado, essa inserção não chega a causar estranheza nesse espectador, uma vez que está, de certa forma, naturalizado no meio social, como se existisse desde sempre. Esse é o poder do discurso, de fazer retornar ao passado dizeres atuais, construindo narrativas, mesmo que ficcionais, de um “sempre-já-lá” que retorna sob a forma do assertivo e do naturalizado.

Trata-se, também, de lembrar Castoriades (1982) quando afirma a impossibilidade de se contar a história sem que ela seja já uma outra história, a partir do presente. Mesmo que se trate, no nosso caso, reconhecidamente de uma ficção, que pretende “retratar” os costumes de uma determinada época, acaba por não escapar de um gesto de interpretação que se dá a partir do hoje e que faz com que esses próprios costumes se dissolvam no presente.

O artigo propõe um elemento simbólico que pode ser considerado um ato de resistência, tanto se observarmos que a personagem o escreveu com a intenção de dar voz à uma vítima de assédio, como das roteiristas ao inserirem o discurso num produto midiático de grande alcance para dar continuidade ao debate dos direitos das mulheres. Em seu funcionamento, a série “*Anne With An E*” pode afetar os interlocutores devido ao envolvimento sensível proporcionado pela imersão na narrativa, o que pode contribuir para o modo como essa matriz discursiva (feminista) se estabelece e circula, colocando em discussão a conscientização a partir da reflexão sobre os temas. A nossa sociedade já pratica o que é justo?

Referências

- ANGELIN, Rosângela. Estratégias para a autonomia das mulheres desde os movimentos feministas. **Coisas do Gênero**: Revista de Estudos Feministas em Teologia e Religião, São Leopoldo, v. 5, n. 1. p. 20-34, jan./jun. 2019.
- ANNE With an E. (série). Direção: Paul Fox. Produção: Moira Walley-Beckett. Canadá: CBC, 2017. **Netflix** (44 min.), son., color. Disponível em: <https://www.netflix.com.br>. Acesso em: 20 jun. 2021.
- CASTORIADES, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- ESFORÇO pelo bem (Temporada 3, ep. 7). *Anne With An E* (série). Direção: Paul Fox. Produção: Moira Walley-Beckett. Canadá: CBC, 2017. **Netflix** (44 min.), son., color.
- FARIA, Nalu *et al.* **Feminismo e autonomia das mulheres**: caminhos para o enfrentamento à violência. São Paulo: Sempre Viva Organização Feminista, 2018.
- GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011.
- MEDEIROS, Laís Virginia Alves. Nossos corpos nos pertencem: o sujeito de direito no discurso feminista. **Entremeios**, Pouso Alegre, v. 18, p. 163-172, jan./jun. 2019.
- MOREIRA, José Carlos; VENTURINI, Maria Cleci. A Leitura na Perspectiva Discursiva: o político e a política em charges. **Entremeios**, Pouso Alegre, v. 22, p. 70-86, jul./dez., 2020.
- O QUE eu mais quero (Temporada 3, ep. 6). *Anne With An E* (série). Direção: Norma Bailey. Produção: Moira Walley-Beckett. Canadá: CBC, 2019. **Netflix** (44 min.), son., color.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 2005.
- ORLANDI, Eni P. Discurso, imaginário social e conhecimento. **Revista em Aberto**, Brasília, v. 14, n. 61, p. 52-59, jan./mar., 1994.
- ORLANDI, Eni P.; LAGAZZI, Suzy. **Discurso e textualidade**. Campinas: Pontes, 2006.
- PÊCHEUX, Michel. Ouverture du colloque. *In*: CONEIN, Bernard; COURTINE, Jean Jacques; GADET, Françoise; MARANDIN, Eduard W.; PÊCHEUX, Michel (org.). **Colloque "Matérialités discursives"**. Lille: Presses universitaires de Lille, 1981. p. 6-10.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. Eni Orlandi *et al.* 3. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.
- PETRI, Verli. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do "Dispositivo experimental" da Análise de Discurso. *In*: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane Pereira (org.). **Análise do discurso em perspectiva**: teoria, método e análise. Santa Maria: Editora UFSM, 2013. p. 39-48.